

Diário de Viagem em Novembro de 2018

Apresentação

Sempre faço anotações ao longo das viagens com o objetivo de escrever um diário. Por sua vez, ao voltar para casa, pressões do cotidiano e pendências acumuladas não abrem espaço para reflexão nem para registrar as experiências vivenciadas, os lugares visitados, a culinária, os bons momentos, tampouco as dificuldades.

Por alguns motivos, dessa vez resolvi elaborar o almejado diário. Primeiramente por que foi uma viagem diversificada, quando tivemos a oportunidade de aprender um pouco da história da região da Andaluzia, ao sul da Espanha. Como voltamos num navio de cruzeiro de Gênova para Salvador, tive tempo de começar a escrever o texto na etapa final da jornada, durante os sete dias de travessia do Atlântico, de Tenerife para Salvador, singrando os mares sem parar e sem acesso à internet. Depois, a viagem foi cheias de peripécias, que, ao serem superadas, enriquecem a experiência e de longe se tornam grotescas.

Por fim, tivemos a oportunidade de conhecer e explorar, em Gênova, *A Galleria Nazionale di Palazzo Spinola*, residência de prováveis antepassados remotos. O fato de recuperarmos recentemente o diário do bisavô Joaquim Spinola, e formarmos um grupo de seus descendentes, estimulou o registro e elaboração do meu próprio diário. Adquiri vários livros sobre a história do palácio e da família Spinola, todos em italiano, consultados e interpretados ao longo da viagem de navio, apesar das minhas limitações com a língua italiana.

Para facilitar, antes do texto propriamente dito, apresentamos o roteiro da viagem.

Vera Spínola

ROTEIRO VIAGEM - NOVEMBRO 2018

No.	DATA	DIA	LOCAIS / PROGRAMAS	OBS.
00	01/11	Qui	SSA/MADRI (22:45 - 11:25/02/11)	aéreo
01	02/11	Sex	MADRI (chegada)	
02	03/11	Sab	MADRI	
03	04/11	Dom	MADRI (Escorial)	
04	05/11	Seg	MADRI (Museu do Prado)	
05	06/11	Ter	MADRI - SEVILHA (10:00 - 12:32 / 2h 32')	trem
06	07/11	Qua	SEVILHA	
07	08/11	Qui	SEVILHA (CORDOBA)	
08	09/11	Sex	SEVILHA	
09	10/11	Sab	SEVILHA	
10	11/11	Dom	SEVILHA - GRANADA	ônibus
11	12/11	Seg	GRANADA	
12	13/11	Ter	GRANADA - (MADRI) - VALENCIA (10:15 - 13:30)	aéreo
13	14/11	Qua	VALENCIA	
14	15/11	Qui	VALENCIA	
15	16/11	Sex	VALENCIA/GÊNOVA /Rayanair 13:15-15:10; trem 17:05-18:42	aéreo / trem
16	17/11	Sab	GÊNOVA (Galleria Nazionale di Palazzo Spínola)	
17	18/11	Dom	GÊNOVA / embarque Seaview: 12:00h (saída 17:00)	navio
18	19/11	Seg	Barcelona (14:00 às 20:00)	
19	20/11	Ter	Navegação	
20	21/11	Qua	Cádiz (08:00 às 18:00)	
21	22/11	Qui	Lisboa (09:00 às 17:00)	
22	23/11	Sex	Navegação	
23	24/11	Sab	Funchal / Madeira (08:00 às 17:00)	
24	25/11	Dom	Sta. Cruz de Tenerife / Canárias (10:00 às 18:00)	
25	26/11	Seg	Navegação	
26	27/11	Ter	Navegação	
27	28/11	Qua	Navegação	
28	29/11	Qui	Navegação	
29	30/11	Sex	Navegação	
30	01/12	Sab	Navegação	
31	02/12	Dom	Salvador (09:00 horas)	desembarque

TREM: Madri - Sevilha / Sevilha

AVIÃO: Granada/Madri (10:15 - 11:20) / Madri - Valencia (12:30 -13:30): 3h 15'

AVIÃO: Valencia - Milão (1h 55') / TREM: Milão - Gênova (1h 37')

Quinta, 01/11/18 – Salvador/Madri

Dia de viagem é sempre estressante, primeiramente para deixar as coisas em casa em ordem, e segundo para arrumar as malas de forma racional, sem levar muita coisa, mas sem esquecer o essencial, principalmente quando se vai passar um mês no exterior em novembro, no final do outono do hemisfério norte. Além de roupas não se devem esquecer os remédios, documentos, dinheiro etc.

Chegamos ao aeroporto de com duas horas de antecedência para pegar um voo Salvador/Madri, que decolava às 23:45 hs. Antônio Alberto havia comprado passagem na classe executiva e eu, como não tenho problema de sono, na classe econômica. Por sua vez, consegui negociar um upgrade para a classe executiva pagando R\$ 832,00 em cash. Foi um bom começo. Voo ótimo, muito bem servido, mas por incrível que pareça, não encontrei uma boa posição para dormir num voo que durou 12 horas. Tentei começar a ler um livro que não me encantou. Acabou sendo um voo cansativo.

Sexta, 02/11/18 - Madri

Chegamos bastante cansados e pegamos o primeiro taxi em direção ao Hotel Regina, localizado Calle de Alcalá, próxima à Porta do Sol. O motorista, muito falante, pareceu-nos simpático. Como várias ruas da cidade estavam em obras, disse-nos que não poderia nos deixar na porta do hotel. Deixou-nos numa rua movimentada e cobrou simplesmente EU\$ 170,00 (cento e setenta euros pelo percurso). Assustados e exaustos no meio de uma rua barulhenta argumentamos que era muito caro. Ele nos enganou dizendo que se tratava de um feriado. Fomos muito bobos, pois pagamos o que pediu. Enfim, roubados logo na chegada.

Depois desse incidente desagradável, arrastamos as malas até o hotel que ficava pelo menos a um quilômetro de distância. Esgotados e constrangidos, chegamos ao hotel. Mas decidimos que não poderíamos estragar a viagem por causa desse incidente e o melhor a fazer seria procurar esquecer e não cair em outra.

A cidade estava lotada de turistas. Era difícil encontrar um lugar para almoçar e até andar pela rua. Eu queria levar Antonio Alberto para conhecer e comer tapas no Mercado San Miguel ao lado da Plaza Mayor. Queria rever o hotel Francisco I onde eu havia ficado com minha irmã Lucinha há uns oito anos, bem localizado, mas precário. Para surpresa o hotel me pareceu bem melhor, reformado e modernizado. Andamos até o Teatro Real e tivemos a sorte de comprar os últimos ingressos para um espetáculo de ballet, que teria lugar no dia seguinte.

Foi muito bom, porque não havíamos planejado, nem contávamos com esse espetáculo. Conseguimos comprar dois dos últimos seis ingressos à venda.

Na volta, foi possível encontrar lugar para comer tapas no Tapa-Tapa ao lado do Hotel Francisco I. Um agradável momento. Da mesa na própria rua, pudemos apreciar o eclético e exótico desfile dos passantes, saboreando uma taça de vinho com deliciosas tapas.

Depois de tudo isso, descansamos longamente no Hotel Regina, confortável e bem localizado, sem ser muito caro.

Sábado 3/11/18 - Madri

Pela manhã fomos ao El Corte Inglés. Eu precisava comprar uma sweter para suportar o frio. Andamos pela Gran-Via até a Plaza de Espanha, onde fica um monumento a Cervantes com estátuas do próprio Cervantes, de Dom Quixote e de Sancho Pança, além do cavalo.

Decidimos fazer um tour a pé por Madri que reservamos pela internet no site do New Europe Walking tours. Deveríamos estar ao meio dia na Plaza Mayor e procurar um guarda-chuva vermelho com o nome de Sanderman. Levamos uns sanduíches de Jamón na mão, pois nem deu tempo de almoçar. Da Plaza Mayor partimos para o bairro medieval de Madri passando pela *Calle de los Cutilleros*. O guia foi excelente, seja como historiador seja contador de histórias. Na pausa comemos nossos sanduíches. O tour de três horas terminou no Palácio Real. Ele explicou toda a linhagem real da Espanha enfatizando a presença austríaca dos Habsburg desde de Carlos V, pai de Felipe II. A partir de então, o rei se chamava ou Carlos ou Felipe, até que um dos herdeiros, Carlos II (1661-1700) não conseguiu procriar por ser bastante deficiente devido aos casamentos entre parentes. Seu reinado foi de 1675 a 1700. Colocam-lhe o cadáver do pai ao seu lado na expectativa de que isso lhe trouxesse a virilidade. Naturalmente não funciona.

Carlos II foi sucedido por Henrique de Anjou (Versalhes, 1683 – Madri, 1746), da França, que adotou o nome de Felipe V, e introduziu os Bourbons na linhagem espanhola. A sucessão ocorreu depois de uma guerra entre as coroas francesa, austríaca e inglesa pela coroa espanhola, e foi desastrosa para o país. Perderam os territórios de Menorca e Gibraltar para os ingleses, lembrando que até hoje os espanhóis tentam recuperar Gibraltar que permanece como território da Inglaterra. Apesar de tudo, Felipe V teve um longo reinado, de 1700 a 1746, recuperou a autoridade do rei, unificou a administração. Diz-se que introduziu os costumes franceses na corte espanhola.

Corremos para o hotel a fim de nos arrumarmos para o teatro que seria às 19:00 horas. Sugeri voltar ao *Tapa-Tapa* para uma comida rápida antes do espetáculo, mas Antonio Alberto preferiu um restaurante ainda mais próximo ao teatro. Escolhemos *La Traviata*. É bom saber o nome, para não passar por perto. Foi uma péssima refeição.

O espetáculo de ballet *El Cascanueces* (Quebra Nozes) foi magnífico, desempenhado pela Companhia Nacional de Danza, ao som da conhecida composição de Tchaikovsky. O teatro, do tipo ópera, internamente de cor predominantemente vermelha, estará completando duzentos anos em 2019. Valeu a pena, apesar do preço do ingresso (170 euros cada).

Domingo 04/11/2018 – Madri (Escorial e Vale de los Caídos)

Fizemos uma excursão ao Escorial e Vale de los Caídos. Fazendo as contas de quantas vezes eu havia feito esse passeio, deduzi que essa seria a quarta vez. Mas Antonio Alberto tem admiração pelo Escorial e queria muito voltar lá. É sempre interessante visitar e retornar a monumentos históricos. A guia foi mediana. O Escorial foi construído por Felipe II (1527-1598), filho de Carlos V. Na minha interpretação, Felipe II cometeu tantos pecados, que no seu fanatismo católico construiu um castelo com um mosteiro na esperança de ser perdoado. No seu reinado, a inquisição foi bem atuante. Dizem que encarcerou o próprio filho deficiente, que teve com Manuela de Portugal, a primeira de suas quatro esposas. Ela morreu de parto e o filho viveu até os 23 anos (1545-1568). Dizem que foi morto por ordem do pai. Além disso, Felipe II meteu-se em muitas guerras, inclusive contra Elizabeth I da Inglaterra, o que deixou a Espanha falida.

Àquela época, Madri era uma cidade insalubre, sem qualquer tipo de infraestrutura ou de higiene. À noite, jogavam-se as fezes pelas janelas o que viria a provocar diferentes tipos de epidemias. Felipe II, em vez de tentar melhorar as condições físicas de Madri, sabidamente retira-se para o Escorial para respirar o ar puro das montanhas. Hoje a pequena cidade tem apenas 18 mil habitantes.

Fomos ao Vale de los Caídos, monumento erguido pelo generalíssimo Francisco Franco (1892-1975) como memorial aos mortos guerra civil espanhola (1936-1939), quando os falangistas, partido franquista, vencem os republicanos. A basílica, encravada na rocha, foi construída pelos presos políticos da guerra civil, quando muitos morreram pelas duríssimas condições de trabalho. Franco, que governou a Espanha com mão de ferro de 1938 a 1973, mandou construir esse monumento para torná-lo seu próprio mausoléu, para não ser

esquecido. Ali foi sepultado em 1975, mas hoje há uma polêmica no país. Chegou-se à conclusão de que o ditador não merece um túmulo num local de peregrinação, muito menos num local turístico. Está decidido que seus restos mortais serão retirados do Vale de los Caídos. Contudo criou-se um problema: onde colocá-lo? Não deve ser em local de fácil acesso, nem no centro de Madri. Tudo isso gerou maior curiosidade e notoriedade. Despertou-se um grande interesse pelo local onde ele está sepultado, provocando longas filas na basílica só para se ver o túmulo de Franco enquanto estiver lá. O governo espanhol decidiu adiar o traslado dos restos mortais.

No período franquista as escolas eram obrigadas a ensinar o castelhano como língua oficial para que o território espanhol mantivesse sua identidade e permanecesse unido. Não se permitia, como hoje, o ensino das línguas locais, a exemplo do catalão, do basco, do valenciano, do andaluz, do galego, etc. Achei curioso na porta da basílica, um senhor me chamar pedindo que eu assinasse uma petição cujo objetivo era a difusão e o ensino unicamente da língua castelhana nas escolas, a fim de se evitarem os movimentos separatistas. Expliquei-lhe que eu era brasileira. No polêmico monumento do Vale de los Caídos provavelmente ele esperava encontrar adeptos à sua causa.

No noticiário da TV espanhola, que acompanhávamos do hotel, falava-se diversas vezes do cadáver de Franco. Um fanático franquista, por não concordar com a exumação dos restos mortais, estava planejando um atentado ao primeiro ministro Pedro Sanchez, pedindo apoio através das redes sociais. Foi descoberto e está preso.

De volta a Madri, almoçamos no restaurante que fica no mirador do El Corte Inglés. Foi ótimo.

Terminamos de almoçar no final da tarde. Senti vontade de voltar ao hotel para descansar, mas Antonio Alberto é incansável. A contragosto, acompanhei-o até a Praça Cibelis para ver Madri do mirador do antigo prédio do correio. Fazia muito frio. Vimos o por do sol sobre a cidade a partir desse local. Reconheço que valeu a pena.

À noite fazia muito frio. Resolvemos tomar uma sopa no restaurante do hotel onde encontramos um brasileiro de muita conversa, dizendo-se ex-diretor do Bradesco. Revelou que era viúvo e deu a entender que tinha contatos sobrenaturais. Antônio Alberto não teve muita paciência para alimentar a conversa.

Segunda 05/11/2018 – Madri (Museu do Prado)

Chove muito e faz frio. Passamos o dia no Prado (um dos meus museus preferidos), onde também almoçamos. Foi uma visita maravilhosa, sem pressa. Através das obras de Goya revivem-se os horrores da invasão napoleônica no início do século XIX.

Goya pintou vários retratos da família real no poder na época da invasão napoleônica em 1808, do rei Carlos IV e de sua esposa Maria Luisa de Parma (que parece ser a comandante) e filhos. No quadro representativo da família completa, há uma figura feminina atribuída a Carlota Joaquina, que era irmã do rei da Espanha. O próprio Goya aparece na cena, imitando Velásquez que se auto representara no quadro *As Meninas*. Além dos retratos de personagens da família real, há muitos outros de personagens da aristocracia espanhola da época. O que mais gostei é o da Condessa de Chinchón pela expressão facial e delicadeza do vestido.

Dentre os vários quadros de Velásquez, encontrei um remoto parente numa tela intitulada “*Las lanzas o La rendición de Breda*” (Figura 1), cujo personagem central, o *condotierro* Ambrósio Spinola, general genovês, a mando das tropas espanholas de Felipe IV, recebe do governador Justino de Nassau as chaves da cidade holandesa de Breda, conquistada através de um cerco em 1625. Velásquez pintou o episódio para o Salão de Reinos do palácio del Buen Retiro de Madri, “com elegância e generosidade, sem humilhar o vencido, com o propósito de realçar a clemência da monarquia hispânica”. As triunfantes lanças separam do primeiro plano a paisagem distante com os restos da batalha. Com gradação cromática, e admirável fluidez técnica o artista consegue magníficos efeitos de profundidade atmosférica, onde se distingue a fumaça proveniente da batalha, perfeitamente integrada ao primeiro plano, “o que reflete a maestria de Velásquez na hora de recriar a atmosfera à distância”.



Figura 1 - *Las lanzas o La rendición de Breda*. o condotierro Ambrósio Spinola, general genovês, a mando das tropas espanholas de Felipe IV, recebe do governador Justino de Nassau as chaves da cidade holandesa de Breda, conquistada através de um cerco em 1625

No museu do Prado há muito a explorar. Dentre minhas preferências, estão as telas intituladas “As sombras de Goya”, expostas no subsolo. Como cronista e crítico de sua época, Goya representou os horrores das invasões napoleônicas e da inquisição espanhola. Interessante observar os mercenários mamelucos das tropas de Bonaparte.

À noite jantamos no restaurante francês Le Petit Comité. Delicioso e próximo ao hotel. Comemos coquille Saint Jacques (vieiras) e atum.

Terça 06/11/2018 – Madri/Sevilha

Da estação Atocha pegamos um trem para Sevilha. No trem comecei a ler um romance de Stefan Zweig, *The Post Office Girl*, que me acompanharia por pelo menos uma semana. Em Sevilha, hospedamo-nos no hotel Central Petit Palace Santa Cruz, muito bem localizado. A cidade nos encantou à primeira vista. Depois de instalados, saímos para comer tapas de bacalhau com vinho. Eu pedi a Antonio Alberto que me desse uma tarde livre para que eu pudesse me arrumar e lavar a cabeça, etc. Ele saiu para passear e chegou cheio de novidades e entusiasmo pela cidade.

Encontramos com Luciana, minha sobrinha, que está estudando em Sevilha. Foi uma noite deliciosa num bar/restaurante do qual ficamos fregueses: Bar Pelayo. Bom, sem ser

caro. Luciana nos falou da vida dela em Sevilha onde compartilha um apartamento com outros estudantes (Erasmus). Ela é uma menina inteligente e muito sensata.

Quarta, 07/11/2018 - Sevilha

Fizemos um walking tour em Sevilha que valeu a pena, apesar de ter sido debaixo de chuva. O tour começou na catedral e terminou na Praça de Espanha onde se filmaram cenas da película Lourenço da Arábia. A praça foi construída para sediar uma feira internacional de 1929. Cada trecho do monumento é dedicado a uma província espanhola. Assim revisamos os nomes das províncias.

A principal atividade econômica de Sevilha era a fabricação de tabaco. Visitamos a universidade que havia sido fábrica de tabaco.

Almoçamos num local próximo à catedral chamado Antiguiedades.

À noite assistimos a um espetáculo de tablado bastante intimista e cativante, principalmente pela simplicidade do local, pelo talento da cantora, da bailarina e do tocador de violão. Havíamos reservado através da guia do walking tour.

Voltamos ao Pelayo nosso point preferido.

Quinta 08/11/2018 - Sevilha

Dia chuvoso. Aproveitamos para passar o tempo explorando o interior da catedral de Sevilha onde está o túmulo de Cristóvão Colombo. Subimos a torre Giralda. O interessante é que se sobe através de rampas e não de escadas porque as pessoas subiam a cavalo, e cavalo não sobe escada. Do alto da torre descortina-se um belo panorama da cidade.

A catedral de Sevilha tem uma série de estilos diferentes. A primeira construção foi de 1184 a 1198 como mesquita maior de Sevilha. Conservam-se partes da mesquita no pátio das laranjeiras e nos andares inferiores da Torre Giralda, a 96 m de altura.

Em 1248, com a conquista do Rei Santo Fernando III, a mesquita se consagra como catedral católica.

De 1434 a 1517 fizeram-se obras em estilo gótico, principalmente com pedra. Começaram pela zona oeste do templo. De 1528 a 1621 as obras na Capela Real, na Sacristia Maior, na Sala Capitular e seus anexos tendem para o estilo renascentista. Edificaram-se as

partes superiores da Torre Giralda, que constituem o atual campanário. De 1618 a 1758 as modificações foram em estilo barroco, no sacrário e em capelas menores. As últimas obras significativas da catedral são de 1825 a 1928 com a finalização de três portadas maiores e do ângulo sudoeste do edifício. Em 1987 a catedral de Sevilha foi declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco e em 2010, declarada Bem de valor universal excepcional.

A área completa do templo é de 23,500 metros quadrados. Considerando apenas a parte gótica, tem um comprimento de 126m com uma largura de 83 metros e uma altura máxima no centro do cruzeiro de 37 m. Diz-se que é a catedral gótica mais extensa do mundo.

Almoçamos no Pelayo.

À noite, preferimos ir até o bar da esquina para saborear um salmorejo que é uma sopa fria de tomate com bacon, característica da Andaluzia.

Sexta dia 09/11/2018 – Sevilha (visita a Córdoba)

Hoje, dia do meu aniversário, completei 65 anos.

Foi um maravilhoso dia. Pegamos uma excursão de ônibus para Córdoba que foi sede do califado durante a ocupação moura. A chuva havia passado e o sol brilhava.

Em Córdoba, visitamos o Alcazar, o Bairro Judio e a Mesquita. Tivemos um ótimo guia que tinha prazer de explicar a história de cada local. Perguntei sua opinião sobre Isabel de Castela, a católica. Respondeu-me “ótima estrategista e *mala persona*”. No Bairro Judio há estátuas de judeus médicos, pesquisadores, cientistas. Diferentemente dos cristãos, os judeus praticavam medicina preventiva através de cuidados de higiene e alimentação.

Nossa última visita guiada foi a Mesquita-Catedral de Córdoba. Impressionante. Grosso modo, na história da mesquita, alteram-se períodos cristãos e mulçumanos. O primeiro período cristão tem início em meados do século VI como basílica visigoda de San Vicente. Em 786 tem início o período mulçumano que vai até 1236. Nesse período houve várias ampliações, pois toda a população deveria caber na mesquita. A construção do Minarete deu-se em 951-952. A dissolução do califado de Córdoba ocorreu em 1031. Em 1146 ocorre a primeira dedicação como templo católico. Considera-se o período cristão a partir de 1236 quando o rei Fernando III conquista Córdoba.

Comemos rapidamente um sanduíche e pegamos o ônibus de volta.

À noite, juntamente com Luciana, comemoramos meu aniversário no restaurante árabe Alwadi, recomendado pelo trip-advisor. Lugar bacana, mas acho que eu não soube escolher bem a comida. Um arroz com frango nada especial.

O dia em que completei 65 anos de vida foi maravilhoso e cheio de História.

Sábado 10/11/2018 - Sevilha

Esse não foi dos melhores dias da viagem. Zanzamos bastante pela cidade e fomos parar no bairro Triano, pois Antonio Alberto queria ver um monumento moderno chamado *Las Setas*, projeto do arquiteto Santiago Calatraba, que não ficava no bairro Triano. Por acaso nos defrontamos com a Praça de Touros, onde Antonio Alberto fez questão de fazer uma visita guiada, ainda de barriga vazia. Valeu a pena.

Almoçamos em um restaurante chamado Mama Bistrô recomendado pelo Trip Advisor. Foi uma refeição deliciosa, um pouco cara para os padrões sevilhanos. Depois do almoço continuamos a procurar *Las Setas*. Andamos pelas ruas labirínticas da cidade o que é bem interessante. Finalmente encontramos *Las Setas*, mas eu já estava meio esgotada. Ele fez questão de subir no monumento para chegar ao mirador. Eu sentei-me na praça para esperá-lo. Fiquei observando a quantidade de casais jovens passeando com crianças pequenas.

Fizemos nosso jantar de despedida de Sevilha no Restaurante Pelayo. Se voltar a Sevilha, naturalmente voltarei ao Pelayo.

Domingo 11/11/2018 – Sevilha/Granada

Originalmente tínhamos planejado pegar um trem de Sevilha para Granada, mas aconselharam-nos a pegar um ônibus, o que seria mais simples. Compramos as passagens no próprio hotel. A recepcionista gentilmente havia nos entregue as passagens em um envelope na véspera da viagem

O ônibus deveria sair às 11:00 horas e chegar a Granada às 14:00 horas. Segundo informações do hotel, a estação rodoviária ficava a apenas quinze minutos do hotel. Assim descemos com as malas por volta de 10:15 hs para fechar a conta e solicitar um taxi. Perguntei a Antônio Alberto se as passagens estavam como ele e a resposta foi negativa. Comecei a procurá-las entre os meus documentos. Na pressa e no nervoso, abri a mala de forma inadequada no hall do hotel. Vários objetos despencaram, menos as passagens.

Enquanto isso Antonio Alberto tentava, em vão, com a recepcionista emitir novas cópias das passagens. Por azar nosso havia vários hóspedes aglomerados na recepção. Muito nervosa, resolvi subir até o quarto para procurar as passagens. A chave/cartão do nosso quarto já havia sido desprogramada. Não sei como, a recepcionista me deu outra chave e eu subi as escadas como uma flecha. Abri a porta do quarto e achei o envelope na lixeira. Felizmente a arrumadeira ainda não havia passado por lá. Desci correndo. Chamou-se um taxi e finalmente do taxi vimos que faltava uns dez minutos para o ônibus sair. O motorista deu passagem a um carro pouco antes de uma sinaleira e, quando a alcançamos, já estava vermelha. A partir daí, pegamos todos os sinais vermelhos. Nunca vi tanta sinaleira. No meu nervoso, comecei até a rezar. Na estação corremos para a plataforma do número indicado e o ônibus já havia saído. Gritamos que queríamos pegar o ônibus para Granada. Um funcionário da estação juntamente com a senhora da limpeza correram com as mãos para o ar até alcançarem o ônibus. Tanto os funcionários da estação quanto o motorista foram atenciosos. O motorista parou e abriu logo o porta-malas para acomodar nossa bagagem.

Havia dois lugares disponíveis, mas separados, embora nossos lugares tivessem sido marcados. A aquela altura, que importava? Sentei-me e comecei a meditar para me acalmar. Depois peguei meu livro e até dei uns cochilos. Já em Granada, comentamos como teria sido complicado se a viagem tivesse sido de avião ou de trem. Dificilmente conseguiríamos parar esses meios de transporte. Não sabíamos o que viria depois.

Em Granada ficamos no hotel Granada Center, que por sinal é muito bom. Fomos ao restaurante para comer apenas um salmorejo. Estava doida para me instalar no quarto, tomar um banho, etc. Antônio Alberto foi dar um passeio, mas eu não o acompanhei. Voltou dizendo que não havia nada aberto por ser domingo. Acabamos jantando no próprio hotel.

Segunda 12/11/2018 - Granada

Tempo bom. Já havíamos comprado os ingressos para Alhambra, a cidadela árabe, ou melhor, um complexo de palácios e fortaleza no topo de um conjunto de colinas. A maioria dos palácios é de forma retangular, plana com todos os cômodos se abrindo para um pátio e jardim interno. Fizemos uma visita guiada por um jovem andaluz que, além de simpático, era bonito.

O cenário da Alhambra é belíssimo. Primeiramente foi construída como uma pequena fortaleza, pelos mouros, em 889 AD sobre ruínas de fortificações romanas, até que, em

meados do século XIII, Nasrid emir Mohammed bem Ahmar do Emirado de Granada renovou e reconstruiu os atuais palácios e muradas. Transformou-se em palácio real em 1333 por Yusuf I, sultão de Granada.

Depois da reconquista e expulsão dos mouros em 1492, Alhambra tornou-se território da corte real de Isabel de Castela e Fernão de Aragão, onde Colombo recebeu apoio oficial para sua expedição. Os palácios foram parcialmente alterados para o estilo renascentista.

Em 1526, o então monarca Carlos V do Sacro Império Romano Germânico, da família dos Habsburg, que na Espanha é referido como Carlos I, ordenou a construção de um palácio renascentista para abrigar a corte do Sacro Império. A construção tem semelhanças com o Palácio Pitti de Florença, Itália, embora o palácio de Alhambra não tenha sido concluído, segundo dizem, devido a rebeliões mouriscas em Granada. Carlos V nunca pôs os pés no local.

Isabel I acabou de expulsar os mouros da Península Ibérica em 1492, e Granada foi o último reduto dos árabes, que se rebelaram e fizeram várias tentativas de retomar o poder ao longo do século XVI. Isabel tinha tanto receio que os mouros voltassem a retomar Alhambra, que pediu para ser sepultada em Granada, a fim de manter forte presença nessa cidade mesmo depois da morte.

Por um período Alhambra foi praticamente abandonada e ocupada por indigentes. Foi redescoberta depois da derrota de Napoleão que havia ordenado uma destruição retaliatória do complexo.

Antônio Alberto percebeu uma placa no *Patio de los Aljebes* que dizia “*A la memoria del cabo de ‘Inválidos’ José García que com riesgo de perder la vida salvo la Reina do los Alcázares y torres de la Alambra em 1812*”.

Pouco se sabe acerca do herói, quase anônimo. A tradição oral conta que José Garcia ingressou no Corpo de Inválidos do exército espanhol (antigo corpo composto de soldados que haviam sido mutilados em combate) pela perda de uma mão e de uma grave ferida na perna durante batalha do povoado de Bailén, onde Napoleão foi vencido pelos espanhóis.

As tropas napoleônicas haviam construído uma fortificação em torno da Alhambra, que, com o avanço das tropas espanholas, tiveram a intenção de dismantelar e inutilizar suas estruturas de defesa com explosivos. José Garcia, que era vigilante da Alhambra, conseguiu interceptar uma trilha de pólvora e assim salvou Alhambra, mas perdeu a vida. Há quem diga, porém, que Juan Garica faleceu de cólera. Enfim, o herói é uma lenda.

Em contrapartida, há indícios de que os franceses cuidaram melhor da Alhambra que os espanhóis haviam feito em séculos anteriores. Diz-se que o comandante da invasão francesa, Horace Sebastiani ficou admirado pela riqueza da herança mulçumana que embriagava a cidade. Nesse tempo, Alhambra se encontrava abandonada e repleta de escombros pelo que foi necessária uma profunda restauração efetivada pelos franceses.

No final da ocupação, Sebastiani recebeu instruções para destruir Alhambra, porém, contrariando as ordens napoleônicas, desarmou alguns dos explosivos, salvando o que restava da cidadela. Assim, não se sabe exatamente se Alhambra sobreviveu pela ação de Sebastiani, pelo heroísmo de José Garcia, ou pela atuação de ambos, ou por quaisquer outros motivos.

E por falar em lenda, o guia mencionou Os Livros Plúmbeos do Sacromonte. Trata-se de um conjunto de 22 placas de chumbo com desenhos indecifráveis, textos em latim e estranhos caracteres árabes supostamente encontrados entre 1595 e 1599 num arrabalde da cidade de Granada, que depois se tornou o bairro do Sacromonte. Apesar de sua autenticidade ter sido questionada pouco depois da descoberta, chegaram a ser interpretados como o quinto evangelho revelado pela Virgem em árabe para ser divulgado na Espanha. Atualmente são considerados a mais famosa falsificação histórica feita na Espanha. Também se lhes associam os achados da Torre Turpiana, datados de 1588, quando teriam sido descobertos ossos dentro de uma caixa metálica que também continha um pergaminho, igualmente poliglota, e uma imagem da Virgem, que falava do mártir São Cecílio, um árabe cristão que teria acompanhado o apóstolo Santiago Maior na evangelização da Hispânia, nome da província romana.

A análise filológica histórica parece apontar que a falsificação poderia ter sido obra de mouriscos de classe social elevada que tentavam conciliar o cristianismo com o islamismo no período que se seguiu à rebelião das Alpujarras (1568-1571)¹. Apesar das dúvidas levantadas sobre a sua autenticidade, o bispo de Granada de então, Pedro Vaca de Castro y Quiñones, promoveu várias traduções que aumentaram a confusão.

Depois do período de abandono, os “redescobridores” de Alhambra pós-invasão napoleônica, foram primeiramente os intelectuais britânicos e depois os viajantes românticos do norte da Europa.

¹ A Rebelião das Alpujarras, por vezes também conhecida como Guerra ou Revolta dos Mouriscos, foi um conflito que ocorreu na Espanha entre 1568 e 1571 durante o reinado de Filipe II. A abundante população mourisca do reino cristão de Granada alçou-se contra a Pragmática de 1567, que ordenava aos mouriscos deixarem de usar tanto o árabe quanto os seus costumes sociais e religiosos. Quando o poder real conseguiu vencer os sublevados, os mouriscos foram deportados (por volta de 84 000) do reino de Granada e espalhados por vários pontos da Coroa de Castela.

O parque, Alameda da Alhambra, coberto por flores selvagens e vegetação rasteira na primavera, foi plantado pelos mouros com rosas, laranjais, e arbustos. Sua característica mais marcante, por sua vez, é a densa plantação de *English elms* (olmos) trazida pelo Duque de Wellington em 1812. Na Alameda da Alhambra vive uma diversidade de rouxinóis, ao som da água corrente com inúmeras fontes e cascatas, alimentadas por um arroio de 8 km conectado com o rio Darro no Monastério de Jesus del Valle ao norte de Granada.

O guia me recomendou que lesse o livro Os Contos de Alhambra de autoria do norte-americano Washington Irving que foi diplomata em Granada. Há uma estátua do escritor em um dos parques da cidadela. Fiquei curiosa por ter lido o conto de sua autoria “The Sleepy Hollow”, na faculdade, na disciplina Contos em Língua Inglesa.

O tour em Alhambra durou aproximadamente três horas. Antônio Alberto deduziu que não havíamos visitado o palácio mais importante que ele havia conhecido numa viagem anterior. É sempre bom deixar algo para uma próxima visita.

Já estava na hora do almoço. Procuramos um lugar para comer e escolhemos um restaurante na praça principal. Péssima escolha. Para não errar pedi um salmorejo que foi o pior e mais caro de toda viagem. O local estava quase vazio. Não respeitamos a regra “nenhum restaurante vazio é recomendável”. Não sei nem o nome do lugar para colocá-lo na lista negra, mas pudemos constatar que nenhum restaurante vazio é bom.

Voltamos para o hotel andando em câmara lenta, apreciando a pitoresca cidade. Visitamos a capela real, bastante trabalhada em ouro, onde está o túmulo dos reis católicos. Descemos à cripta que guarda os restos mortais de Isabel de Castela, de Fernão de Aragão, do príncipe herdeiro morto em tenra idade, da filha que sucedeu Isabel, conhecida como Joana, a Louca, além do seu marido Felipe o *hermoso*.

Na capela real Isabel é incensada por ter defendido a evangelização dos povos habitantes das terras descobertas por Colombo e outros navegadores patrocinados pela coroa espanhola. Naturalmente a cristianização desses povos era mais uma desculpa para o fortalecimento do império espanhol e para se explorarem as riquezas da América, sobretudo os metais preciosos. Vivia-se um período de monarcas absolutistas, seguidores da doutrina mercantilista, quando a riqueza da nação não era atribuída à produção de bens, mas ao acúmulo de metais preciosos pela coroa. Os admiradores de Isabel deram entrada, no Vaticano, a um processo de beatificação da rainha. Contudo, ela não passou no teste do

Vaticano que a considera apenas “serva de Deus”. Os espanhóis não desistiram da causa e continuam tentando beatificá-la.

Não se pode considerar Isabel uma santa no sentido da palavra. Inclusive ela foi uma das indutoras do Tribunal do Santo Ofício, a terrível Inquisição Espanhola. Sem dúvida a rainha foi uma grande política. Ao se casar com Fernão de Aragão uniu os reinos de Castela, Leão, e Aragão; terminou de expulsar os mouros e judeus da Península Ibérica; unificou o território, portanto pode ser considerada a fundadora do que a Espanha é hoje; e ainda patrocinou descobrimentos marítimos. Faleceu em 1504 em Medina del Campo (Valladolid) com apenas 42 anos. No Museu do Prado vimos um interessante quadro de autoria do pintor Eduardo Rosales, de 1864, representando “Dona Isabel ditando seu testamento”. Fazem parte da cena, Fernão de Aragão (1452-1516); a filha Joana; e o Cardeal Cisneros. É considerado um dos melhores quadros de história da pintura espanhola. Figura abaixo



Visitamos a catedral, anexa à capela real, também imponente e rica.

Em uma das principais praças de Granada, há um monumento bem curioso: uma estátua de Colombo apresentando a rainha Isabel seu projeto para encontrar um caminho alternativo para as Índias na direção leste. Colombo tinha certeza de que a terra era redonda.

Lentamente passeando pelos recantos de Granada, acabamos chegando ao nosso hotel.

Era segunda feira. Pedimos ajuda na recepção para encontrar um bom restaurante andaluz, afinal estávamos nos despedindo de uma região que muito nos agradara. Jantamos no “Antonio Perez”. Foi uma boa dica. Antes de dormir pedimos à recepção do hotel que nos acordasse a determinada hora, pois pela manhã iríamos pegar um voo da Iberia para Valencia.

Terça, 13/11/18 – Granada/Valencia

O esperado telefonema/despertador não ocorreu. Aprontamo-nos com muita pressa, em menos tempo do que o planejado, mas realmente agimos rápido, preocupados com o que havia acontecido na saída de Sevilha. Chegamos ao aeroporto a tempo. O voo Granada/Madri/Valencia foi muito tranquilo.

Em Valencia, o motorista de taxi era muito falante, mas foi honesto. Ele tinha orgulho de falar o dialeto valenciano que, inclusive depois do período franquista, foi reintroduzido nas escolas públicas. Vale lembrar que Franco não admitia que se ensinassem as línguas e dialetos locais nas escolas para manter a Espanha unida e evitar movimentos separatistas.

Nosso hotel em Valencia, o Petit Palace de Russafa, da mesma cadeia do hotel de Sevilha, pareceu muito bom. Infelizmente o quarto, além de mínimo, tinha uma forma poligonal com muitos lados, o que dificultava nossos movimentos e organização. Antonio Alberto saiu para explorar a redondeza. Informaram-nos que aquele bairro, Russafa, era um centro gastronômico. Não fomos enganados. O jantar foi ótimo num restaurante chamado El Rodamòn de Russafa onde degustamos deliciosos lagostins ao alho.

Quarta-feira, 14/11/2016 – Valencia

A noite havia sido difícil no pequeno espaço. Segundo Antônio Alberto, meu ronco ficou mais alto no minúsculo aposento. Pedimos para trocar de quarto e pagamos mais 30 euros adicionais pelas duas noites que restavam. Valeu a pena. As demais noites foram ótimas.

Andamos até o centro de Valencia, que é a terceira cidade em população da Espanha. Apesar da chuva, pegamos um *walking tour* com duração de três horas pelo centro histórico. O grupo, sob a liderança de um bom guia, constava apenas de nós dois e de um casal de Madri. O guia, chamado Ignacio ou Nacio, parecia um pouco com Gustavo, meu enteado.

Valencia é um porto e sua principal atividade econômica era o comércio. Visitamos inclusive o prédio da bolsa de valores.

Surgiu o tema “cadáver de Francisco Franco”. Tanto o guia quanto o casal estavam de acordo que os restos mortais do personagem fossem colocados em local discreto, que não fosse um ponto de peregrinação, pois na visão deles o ditador não merecia um monumento. Na guerra civil espanhola (1936-1939), Valencia foi um reduto da resistência republicana.

Depois de “zanzar” procurando um lugar para comer, resolvemos tomar o ônibus de número 32 que nos levaria até a praia, considerado local onde se comem as melhores paellas valencianas. A viagem foi longa num ônibus lotado. Na praia, escolhemos aleatoriamente um restaurante para provar a paella valenciana, tomando cuidado para não entrar em um restaurante vazio. Escolhemos a paella de frutos do mar. Não foi diferente daquelas que estamos acostumados a comer. Nada marcante.

No fim de linha do bairro à beira-mar, pegamos o ônibus de número 32. De volta, na praça central da cidade, deparamo-nos com uma manifestação cuja reivindicação era “pela educação inclusiva de gênero”, uma bandeira que se tornou universal. Os manifestantes eram jovens, muito deles adolescentes. Os conservadores provavelmente diriam “será que esses jovens não têm o que fazer?”.

O incansável Antônio Alberto queria continuar zanzando pela cidade, mas a cansada Vera já estava querendo voltar ao hotel. Até que aguentei um pouco, mas ele mesmo achou que já era hora de voltar. Passamos em frente à praça de touros. Fiquei com medo que fosse propor uma nova visita. Felizmente isso não ocorreu.

De volta ao hotel, encontramos nossos pertences num quarto bem mais confortável. Jantamos num restaurante intimista de comida deliciosa, chamado El Almacen, by Raimon Moreno, que deve ser o *chef de cuisine*. Fomos bem atendidos por um jovem argentino, muito simpático, que parecia um estudante.

Quinta-feira, 15/11/18 - Valência

Hoje eu queria um dia livre, para descanso, leitura, meditação e até para compras, sem ter a obrigação de conhecer lugares. Mas o incansável Antônio Alberto queria conhecer o famoso complexo arquitetônico que tem o nome de Palau de la Arte e de la Ciència y Tecnologia, uma obra do arquiteto valenciano Santiago Calatraba. Informamo-nos sobre o

número do ônibus que deveríamos pegar, andamos até o ponto. A viagem transcorreu tranquila, embora as pernas de AA não coubessem bem no espaço disponível.

O complexo arquitetônico impressiona. Cheguei com muita vontade de ir ao banheiro. Vimos que havia um tour guiado pelo complexo, mas resolvemos passar no toilette antes. Pedi para entrar em um dos restaurantes ainda fechado e fomos bem acolhidos. Eu comecei a pensar que poderíamos almoçar naquele local muito agradável. De volta ao ponto de partida da visita guiada, Antonio Alberto pôs a mão no bolso para retirar vinte euros a fim de pagar o tour. Sua calça, como a minha, tem seis bolsos. A carteira não estava em nenhum dos bolsos. Não acreditei. Provavelmente havia caído no ponto ou no ônibus. Não foi roubo. A carteira tinha 200 euros, nossa compartilhada caixinha, em que cada um coloca a mesmo valor de cada vez. Assim, pegamos um taxi para o hotel, já que felizmente eu tinha dinheiro na bolsa. No hotel explicamos o problema para tentar agir com serenidade. Recomendaram que fôssemos à delegacia de polícia. Depois de esperar pela nossa vez, e passar por uns três funcionários, registramos a ocorrência.

Voltamos para o hotel a fim de cancelar os cartões de crédito com calma. Felizmente havíamos instalado no meu telefone um chip de 4 GB da Orange. Acontece que 15 de novembro é feriado no Brasil o que dificultou o contato. Foi complicado cancelar o cartão visa do BB. Passávamos por uma série de vozes eletrônicas, mecânicas, até chegar a uma voz humana.

As providências pela perda da carteira e cancelamento dos cartões de crédito terminaram às 17:00 horas. Não havíamos comido até então. Corremos para o centro histórico onde fizemos um lanche (salmorejo). Mas o incansável Antonio Alberto queria continuar flanando pelo centro. Eu estava doida para voltar ao hotel a fim de tomar um banho, lavar a cabeça e me arrumar para repor as energias. O banho ocorreu, mas a lavagem da cabeça teve de ser adiada para o dia seguinte.

Despedindo-nos de Valencia jantando novamente no El Almacen. Sempre delicioso. O voo Valencia/Milão da Raynair que tomaríamos no dia seguinte só decolaria às 13:15 hs. Chegaríamos em Milão no aeroporto de Malpensa às 15:10 hs. De lá pegaríamos um ônibus até Milano Centrale, onde pegaríamos um trem para Gênova. Tínhamos a manhã seguinte livre para arrumar as malas e partir para o aeroporto.

Sexta, 16/11/2018 – Valência/Gênova

Acordamos e tomamos café com muita tranquilidade. Antonio Alberto até pensou em visitar uma igreja considerada a capela Sistina de Valencia, mas não foi. Aproveitei para lavar a cabeça, fazer escova no cabelo e arrumar as malas. Planejamos sair do hotel às 11:00 horas, já que o aeroporto não era distante. Antonio Alberto se arrumou com muita calma. Enfim, o excesso de calma nos levou a sair do hotel perto do meio-dia. Acontece que chovia muito e o trânsito estava bastante engarrafado. O traslado até o aeroporto foi demorado.

Apresentamo-nos no balcão da Raynair um minuto depois de haverem fechado o check-in. Não houve flexibilidade. Perdemos o voo. A recepcionista informou que o próximo voo seria no dia seguinte e que teríamos de comprar outra passagem, já que se trata de uma companhia aérea de baixo custo (apenas 50 euros por pessoa).

Não teríamos condições de ficar mais um dia em Valencia. Precisávamos estar em Gênova naquele dia. Consultamos diferentes cias aéreas a fim de encontrar um voo para Gênova. Foi duro ouvir o autofalante anunciar o embarque e decolagem do voo da Raynair para Milão, que perdemos por um minuto de atraso.

Nessa confusão, Antonio Alberto não encontrava o atestado de vacina. Felizmente a recepcionista da Raynair o havia encontrado no chão e entregue à loja da empresa. Menos um problema. Na busca de uma solução em diferentes balcões do aeroporto, encontramos uma brasileira que vendia passagens para Nova York. Ela nos aconselhou a consultar a Alitalia, mas a funcionária da Alitalia declarou que só poderia nos atender depois de determinada hora e que só seria possível comprar passagem pela internet. Tentei pelo celular, mas não era fácil. A brasileira se propôs a nos ajudar e, pelo computador dela e com meu cartão de crédito, conseguiu comprar uma passagem Valencia/Roma/Gênova que decolaria às 17:00 horas. Deveríamos mudar de avião em Roma no aeroporto de Fiumicino, que é enorme. As duas passagens custaram 540 euros. Que jeito. Na situação em que estávamos, não havia escolha. Ela ainda sugeriu que fôssemos passear até a hora do voo. Naturalmente não fomos.

Passamos o resto da tarde no aeroporto. Meu livro *The Post Office Girl*, de Stefan Zweig, estava ficando cada vez mais interessante. Tornei-me leitora de Stefan Zweig por gostar de biografias. Comecei com a história da vida da rainha Maria Antonieta, depois de Montaigne, de Maria Stuart, de Fouquet, todas densas, fascinantes, recheadas de fatos históricos, mas *The Post Office Girl* é uma ficção que tem lugar na Suíça e Áustria, pós-primeira guerra mundial.

Fizemos um lanche no aeroporto e o livro me acompanhou e prendeu meu interesse o tempo todo, no aeroporto e na viagem aérea. Não há nada melhor que um bom romance.

Finalmente embarcamos pela Alitalia para Roma. Avião lotado. Nem sei como conseguimos dois lugares no meio, na segunda e terceira filas. Acontece que o voo atrasou um pouco. Chegamos em Fiumicino em cima da hora. Corremos para o portão de embarque do vôo Roma/Genova. Quando chegamos ao portão, a recepcionista nos comunicou que fecharia o embarque dentro de dois minutos. Dessa vez não perdemos o voo por dois minutos!

No avião para Gênova, depois de meditar, retomei minha leitura. Sentimos um alívio quando o avião pousou em Gênova. Antonio Alberto comentava que a escala em Roma havia sido muito curta e que provavelmente não teria havido tempo de trocar nossas malas de avião. Não concordei como ele. Mas tinha toda razão. Ficamos aguardando as malas na esteira de bagagem que não chegaram nunca. Eram quase 22:00 horas. As lojas e balcões do pequeno aeroporto pareciam todos fechados. Não tínhamos a quem reclamar. Após correr todo o aeroporto vimos um homem de costas num computador. Depois de alguns minutos conseguimos ser atendidos e registramos nossa queixa das malas. Ele nos disse que provavelmente chegaria no dia seguinte e que, se não chegassem, poderiam despachar diretamente no navio MSC Seaview no qual embarcaríamos na manhã no dia 18, em qualquer porto. Eu gelei com essa possibilidade. Seria muita confusão.

Enfim pegamos um taxi que nos levou até o hotel Nord Europe, na Via Balbi, escolhido pelos amigos Beth e Adeodato, onde deveríamos encontrá-los. Estava me sentindo tão cansada que até vi uma vantagem naquele traslado – não precisar carregar malas, principalmente quando vi as escadas do hotel para chegar ao quarto.

Até então não havíamos almoçado ou jantado. Informaram-nos que os restaurantes já estavam fechados. Havia apenas um defronte do hotel que estaria aberto até as 23:00 horas. Ao chegarmos ao restaurante, o garçom nos informou que não serviria mais refeições. Acho que estávamos com fisionomias tão cansadas que ele mudou de ideia e nos indicou uma mesa. Pedimos um *spaghetti al pesto*, pois é um prato simples e de origem genovesa. Mesmo com fome, não conseguimos comer o prato todo, a massa estava mole e o molho nada especial. Adeodato veio até restaurante. Para comemorar, brindamos o encontro com uma taça de vinho da casa. Fazia muito frio, uns dez graus.

Finalmente, depois de subir duas escadas, alojamo-nos num quarto grande, mas gelado. Os espaços eram bem generosos, inclusive o banheiro, com um basculante alto e

aberto. Apesar do frio, impossível fechar. O closet era um compartimento separado do quarto por umas franjas plásticas, segundo Antonio Alberto, muito usado nos bregas. Tomei um banho quente para relaxar, mas não podia trocar de roupa e não queria dormir com a calça e camiseta já muito usadas. A calefação estava desligada. O cobertor, colocado sobre os lençóis, parecia meio “bodoso”, segundo Antonio Alberto, mas foi a solução. Nunca senti tanto frio. Parecia que o gelo penetrava nos ossos. Passei a noite sendo acordada pelas câimbras nas pernas. Depois soube que a mínima da noite havia sido 2°C.

Sábado, 17/11/2018 – Gênova

Resolvemos nos desligar do problema das malas e cumprir o que havíamos planejado fazer em Gênova: andar pela cidade e visitar a *Galeria Nazionale Spinola* que foi provavelmente residência de meus antepassados remotos. Descendo a Via Balbi, não pude deixar de comparar Gênova com as cidades espanholas que eram muito mais limpas. Enfim alcançamos o palácio. Fizemos uma visita guiada que foi bem interessante. O guia falava várias línguas. O grupo constava apenas de nós e um casal de franceses.

Em 31 de maio de 1958, os irmãos Paolo e Franco Spinola di Luccoli assinaram um documento doando ao Estado Italiano a secular residência da família com a intenção de transformá-la em um museu público capaz de testemunhar a história da aristocracia genovesa a que pertenciam. Restauraram-se as esculturas que representam o grande *condottiero* (guerreiro mercenário) Francesco Maria degli Spinola di San Luca (morto em 1442), o cardeal Giulio Spinola (1612-1691) e seu irmão Senador Francesco Maria Spinola di Luccoli (1607-1661). O lugar se tornou residência da família Spinola a partir de 1732.

O palácio foi construído no fim do século XVI por Francesco Grimaldi, depois passou à família Pallavicino, à família Doria e se tornou Spinola pelo casamento de Maddalena Doria (morta em 1760) com Nicolò Spinola di San Luca (1677-1743), primeiro Spinola a residir no palácio. Madalena Doria o recebeu como herança do seu irmão Paolo Francesco. Nicòlo pertencia a uma das famílias mais tradicionais da cidade, sendo bisneto de Andrea Spinola que foi doge da república de Gênova de 1639 a 1641, e primo do ilustre *condottiero* de Felipe IV da Espanha, Ambrogio Spinola, cujo retrato aparece no quadro de Velásquez *Las lanzas o La rendición de Breda* (Figura 1) descrito na nossa a visita ao Museu do Prado.

No palácio, é possível se apreciar um retrato de Nicolò Spinola em veste de doge, de autoria de Pellegro Parodi.

Madallena Doria dispunha de um significativo patrimônio, já que seu irmão Francesco Doria (1671-1732) a havia nomeado sua herdeira universal. Nicolò morreu em 1743. Maddalena viveu por mais dezessete anos, até 1760 como matriarca e rigorosa administradora dos bens. Com sua morte, o palácio passa à tutela do seu filho Francesco Maria (1702-1769) que morreu apenas nove anos depois da mãe, sem deixar marcas de sua passagem como senhor da casa. Diz-se que era tímido. Bem diversa foi a figura de seu filho, Paolo Francesco (1746-1824), o qual geriu o patrimônio durante a revolução que derrubou a República de Gênova, cabendo-lhe um novo papel no momento da restauração.



Figura 2 – Afresco Lisboa sitiada pelo duque de Alba, ilustre guerreiro da Casa dos Grimaldi, de autoria do artista genovês Lazzaro Tavarone (Gênova 1556-1641).

Paolo Francesco Spínola está representado num retrato de autoria de Angelica Kauffman em um dos salões do palácio. Figura 3.

O poder financeiro de Gênova durara até o final do século XVII quando se iniciou seu lento declínio. Seu último reduto, a Córsega, foi cedido à França em 1768. No ano seguinte Napoleão Bonaparte nasceu em Ajácio, na Córsega. Gênova perdeu sua independência e deixou de ser uma república em 1797 com a chegada de Napoleão Bonaparte que integrou Gênova à República da Ligúria, uma província absorvida pelo Império Francês em 1805. Dez anos depois, Gênova foi incorporada ao reino da Sardenha. E, depois da unificação italiana

em 1861, combinada com um rápido desenvolvimento industrial do norte do país, galgou a posição de maior porto marítimo da Itália.

Paolo Francesco, que havia gerido o patrimônio da família Spínola no período da restauração, escolheu como principal herdeiro o primo pelo lado materno Giacomo Spinola Di Luccoli, (1780-1858), filho de Francesco Maria Spinola (1753-1804). Teve como sucessores na tutela do palácio, Francesco Gaetano Spinola (1819-1905) e Ugo Spinola (1853-1925).

O palácio tem cinco andares, com escadarias imponentes e é ricamente decorado. É cheio de obras de arte, de afrescos e telas, representando temas mitológicos, épicos, religiosos, e retratos de membros das famílias Grimaldi, Pallavicino, Doria e Spinola, além do mobiliário, dos objetos de porcelana e outras preciosidades. Destacarei alguns elementos que me despertaram maior curiosidade



Figura 3 - Paolo Francesco Spinola (1746-1824), que geriu o patrimônio da família Spinola no período da restauração. Retrato de autoria da pintora Angelica Kaufmann

Logo no teto de um dos salões do primeiro piso, há um impressionante afresco que representa Lisboa sitiada pelo duque de Alba, ilustre guerreiro da Casa dos Grimaldi, de autoria do artista genovês Lazzaro Tavarone (Gênova 1556-1641). Ver figura 2.

Há um grande prato na parede de prata e basalto, todo em alto relevo, intitulado *La Partenza di Colombo da Palos*, de autoria de Matthias Melin (Antuérpia 1589-1653), prateiro flamengo que, em 1630 passou uma temporada em Gênova.

Dentre obras de autoria de Anton Van Dyck (Antuérpia 1599 – Londres 1641), está o retrato de Ansaldo Pallavicino quando menino. Van Dyck passou uma temporada em Gênova por volta de 1625. Notamos, porém, que nas paredes havia espaços vazios como se alguns quadros tivessem sido retirados. O guia nos explicou que nos momentos de aperto financeiro, várias obras de arte foram vendidas. Uma delas encontra-se no Paul Getty Museum de Malibu, na Califórnia (EUA), de autoria de Van Dyck, representando Agostino Pallavicino (pai de Ansaldo) em vestes de embaixador da República de Gênova junto ao Papa Gregório XV. Paul Getty (1892-1976), magnata do petróleo e grande colecionador de obras de arte, foi personagem do filme *Todo Dinheiro do Mundo*, representado pelo ator Christopher Plummer, em 2017.

De autoria de Bernardo Strozzi (Gênova 1581 – Veneza 1644), destaca-se *Ritratto di monarca*, um impressionante retrato de uma figura meio religiosa. Logo que olhei, pensei que se tratasse de uma freira. A obra de arte foi recebida como herança da senhora Violantina, esposa de Giacomo Spinola di Luccoli (1780-1858).

Um retrato de mulher, de autoria do artista genovês Filippo Parodi (Genova 1630-1702), despertou minha curiosidade. Quem teria sido Maria Mancini?...Como gosto de pesquisar amenidades, aprendi que foi a terceira de cinco sobrinhas do Cardeal Mazarin, regente de Luís XIV, levadas para a França com o objetivo de frequentarem a corte para arranjam casamentos vantajosos. Eram conhecidas como *Les Mazarinettes*.

Luís XIV se sentiu atraído pela beleza e inteligência de Maria, mas o relacionamento não se consumou. O Cardeal Mazarin e a mãe de Luís XIV separaram o casal e mandaram Maria para Roma, onde ela se casou com um príncipe italiano, Lorenzo Onofrio Colonna. O noivo se surpreendeu ao verificar na noite de núpcias que Maria era virgem. Depois do nascimento do terceiro filho em 1665 o relacionamento do casal começa a se deteriorar. Com medo de ser morta pelo marido, Maria fugiu de Roma e só voltou à Itália depois da morte dele em 1689. Havia escrito suas memórias em 1687 e tinha interesses artísticos e literários, sendo uma das incentivadoras do escritor La Fontaine. Faleceu e está sepultada em Piza.

Há muitas histórias acerca da personagem Maria Mancini, algumas delas contraditórias. Foi retratada por diferentes artistas e inspirou vários romances históricos

incluindo *The Enchantress of Paris*, de autoria de Marci Jefferson, lançado em 2015. Ademais, a atriz Anne Laure Girbal desempenhou papel de Maria Mancini no musical francês *Le Roi Soleil* em 2005. Confesso que um dos meus esportes prediletos ao visitar museus é saber da vida dos personagens representados. Tudo isso me levou a adquirir o romance *The Enchantress of Paris* através do meu ebook kindle, da Amazon.

Na terceira saleta do segundo piso, é possível se observar a tela *Vergine in preghiera*, do pintor flamengo Joos Van Cleve (1485-1541). A beleza e delicadeza das mãos mostram o talento do artista, pois é uma das partes do corpo humano mais difícil de ser representada.



Figura 4. Retrato de Maria Mancini, por Filippo Parodi



Figura 5 – Galeria dos Espelhos

A Galleria dos Espelhos, também situada no segundo piso, é considerada um dos pontos altos do palácio. Trata-se de um corredor que liga as duas estruturas laterais do imóvel. De acordo com documentos históricos, não existia em 1622, mas em 1650 Ansaldo Pallavicino em seu diário refere-se ao local como uma galeria de pinturas. Deduz-se que essa ala tenha sido construída entre 1622 e 1650 para conectar as áreas laterais do palácio. Madallena Doria, de 1734 a 1736, restaurou a galeria em estilo marcadamente barroco rococó onde predomina o dourado, de acordo com a moda da época. Os afrescos do teto e das paredes, com cenas alegóricas, são emoldurados de dourado, bem como os espelhos. Tudo isso em contraste com um sóbrio piso de granito em desenhos geométricos claro/escuro. O projeto é atribuído ao pintor Lorenzo De Ferrari, autor dos afrescos, e ao escultor Filippo Maria Mongiardino, autor das peças talhadas. Ambos eram artistas genoveses.

Depois de correr o palácio, subimos ao mirador de onde se tem uma bela vista da cidade e porto de Gênova.

Antes de terminar a visita perguntei ao guia qual seria a origem dos recursos da família Spinola. Ele me respondeu que eram proprietários de embarcações e também banqueiros, mas não encontrei essa informação nos livros. Frisou que apenas o primogênito herdava o patrimônio. Os demais seguiam as carreiras militar ou religiosa. Por sua vez, muitos descendentes emigraram, principalmente para a Espanha, Portugal e Ilha da Madeira. Provavelmente somos descendentes daqueles que não herdaram fortunas.

Ao sair do palácio, fomos a uma livraria, recomendada pelo guia, para comprar alguns livros sobre o Palácio Spinola e a família, que, apesar das minhas limitações com a língua italiana, muito me ajudaram a escrever esse texto. Naturalmente fomos também à procura de um bom restaurante genovês e paramos na Maria - Antica Trattoria di Porto, nossa velha conhecida. Finalmente comemos um *spaghetti al pesto* autêntico e delicioso. Vale lembrar que o molho pesto era utilizado pelos navegadores genoveses por ser nutritivo (azeite de oliva, manjeriço fresco, um dente de alho e nozes) e facilmente conservável. De sobremesa pedi um creme de mascarpone. Delicioso, mas não sei a receita. O garçom se entusiasmou quando em disse que era brasileira e da família Spinola.

Voltamos ao hotel na expectativa de tomar um banho e trocar de roupa, mas as malas não haviam chegado. Assim compramos algumas peças básicas para resolver o desconforto. Finalmente, as malas chegaram à noite. Depois de um dia maravilhoso e produtivo, fiquei feliz em recuperar meus óculos e tantos objetos essenciais.

O problema das malas atrasou nossa saída para jantar juntamente com Beth e Adeodato. Era sábado e não havíamos reservado mesa. Foi praticamente impossível encontrar um lugar para comer. Ouvimos *non c'è posto* (não tem lugar) em inúmeras restaurantes recomendados pelo trip advisor. Depois de muito rodar no frio, encontramos no porto um restaurante de cozinha local gerido por chineses, por sinal nada especial.

Domingo 18/11/2018 – Gênova, embarque no MSC Seaview

Rearrumei minha mala e tomamos café da manhã no hotel. Conseguimos descer as escadas carregando lentamente a bagagem. Beth e Adeodato já haviam saído para a estação à procura de um taxi, que, segundo eles, seria mais vantajoso que pegar taxi do hotel. Antonio Alberto havia me avisado que na pequena recepção do hotel havia uma bagunça de malas e brasileiros. Fui andando até a farmácia comprar líquido para lentes e na volta vi uma van, com um grupo de brasileiros, já pronta para sair em direção ao porto. Perguntei a um dos passageiros se poderíamos ir ao porto junto com eles. Disseram-me que perguntasse ao motorista que só falava inglês. Dirigi-me a ele, que então interrompeu a partida, e nos acomodou juntamente com a bagagem. Quando quis pagar pelo traslado, não aceitou, pois me disse que a empresa de turismo já havia pagado. O grupo era de Santa Catarina.

Depois de tantos prejuízos, finalmente um traslado gratuito e um embarque tranquilo. Apesar da quantidade de passageiros (uns 2000), a logística foi perfeita, pela organização e pela estrutura da estação marítima.

Na cabine, ao desarrumar a bagagem, percebi que havia colocado na mala apenas o pé esquerdo do meu par de tênis. O outro ficara no hotel em Gênova. Seria complicado usar apenas o pé esquerdo do sapato...

E assim começou a segunda etapa da viagem, com um cruzeiro no navio MSC Seaview que teria Salvador, nossa casa, como destino final.

Bibliografia

ISTITUTO Poligráfico e Zecca dello Stato. **Galleria Nazionale Palazzo Spinola Genova.** Libreria dello Stato. Roma 1991

MUSEU Palazzo Reale Genova: Galleria Nazionale di Palazzo Spinola **I Monumenti Spinola.** Editori SAGEP: 2018

PALAZZO Reale – Galleria Nazionale di Palazzo Spinola. **Virginia, Un Mondo Perduto.** Editori SAGEP, 2017
